

“ERA COMO SE A GENTE JÁ TIVESSE O QUE FAZER NA CIDADE, PRA MELHORAR”: RELATOS DE MEMÓRIA SOBRE OS LUGARES DE SOCIABILIDADE EM POMBAL (1930-1950)¹

MSc. Flávio Carreiro de Santana²

RESUMO

Estação ferroviária, chegada e partida diária do trem, praças, cinema: eis alguns dos novos lugares de sociabilidade criados na cidade de Pombal durante as décadas de 1930-1950. Juntamente com esses novos lugares, também outras práticas se dariam na cidade, arrolando um bom número de lazeres e prazeres que tornava o cotidiano dos pombalenses num tempo de mudanças. A partir dos relatos de memória dos seus antigos (reme)moradores foi possível “adentrar” em alguns desses lugares instituídos e dos espaços criados por seus praticantes, compreendendo como, ao seu tempo, eles se tornaram paisagens de sociabilidades nessa “nova” cidade.

Palavras-chave: Cidade; História; Relatos de Memória.

Após a mobilização social em torno da chegada do motor de luz em 1927, um outro evento parece ter marcado o tempo de novas transformações em Pombal: a chegada do trem em 1932.

Evento concorrido, pois conseguiu atrair moradores tanto da cidade quanto da zona rural para “assistir” a chegada do trem. Se recorda a senhora Odete Roque da Silva que, mesmo contando com apenas oito anos de idade, a primeira chegada do trem marcaria a sua memória.³

Para ela, enquanto criança que morava na zona rural, o trem era uma novidade, e por isso, seu pai havia saído do sítio Maracujá especialmente para presenciar o evento da primeira chegada daquela máquina em Pombal. Evento que exigia requintes de produção: boas roupas, bandeiras e banda de música. Tal evento da chegada do trem se tratou de uma mobilização social. “*Pobres, ricos, todos estavam lá*”, comenta aquela senhora.⁴

¹ Frase inicial do título foi proferida pela senhora Maria de Lourdes de Sousa Nóbrega, no dia 09 de outubro de 2006. Esse texto é parte integrante da dissertação apresentada pelo autor sob o título **RECRIANDO ESPAÇOS, INVENTANDO LUGARES: MEMÓRIA E ORALIDADE SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM POMBAL (1930-1950)**, aprovada em maio de 2007.

² Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande, professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), professor do Curso de História pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA).

³ Entrevista concedida ao autor no dia 30 de janeiro de 2007.

⁴ Idem.

Acrescentou à senhora Benta Carneiro que a inauguração da Estação Ferroviária e da chegada do trem, além da muita festa recebida por palmas e banda de música, também contava com a presença do pároco local à abençoar tanto o lugar quanto a máquina. Porém, mesmo debaixo de bênçãos, a chegada da máquina também haveria causado muito estranhamento.

“Eu corri e disse: mãe, o bicho vem chegando com a venta na linha”, foi o que pronunciou a senhora Benta Carneiro ao encontrar desesperada a sua mãe, em ocasião do aparecimento do trem na linha férrea. Estranheza para uma criança desabituada com tal “maravilha” do progresso, como algo que “nunca” aparecera por ali, próxima a sua residência: *“Aí mãe me pegou pelo braço e me mostrou o que era. Só assim eu fiquei sabendo que aquilo era o trem do povo andar. Aí ela levou, mostrou a máquina”*.⁵

O mesmo estranhamento social por parte de alguns foi percebido por ARANHA (2003), quando da observação feita em jornais e literaturas, onde o trem aparecia tanto quanto “veículo do progresso” que abria as “portas para o mundo” de forma acelerada, conectando suas partes e impondo novas práticas cotidianas (estímulo do hábito da leitura de jornais, cartas, esperas de profissionais, familiares, encomendas etc.).⁶

Após o susto e tomado os devidos reconhecimento sobre o que se tratava aquele “bicho”, a narradora citada nos informa que o trem passou a ser uma constante presença na sua vida. Não por menos: ela era (e ainda o é) vizinha da Estação Ferroviária, em cujo terreno da família foi construída a referida obra.

Porém, ante de ser encarado como um grande orgulho, a narradora afirma que sediar a Estação Ferroviária, em terras pertencentes ao seu avô, foi antes um prejuízo para a família:

Era dos meus avós esse terreno, aí quando a linha de ferro passou, aí lapeou! Aí perdeu tudo. Esse povo antigo não sabia de nada. Aí eles só fizeram dar ordem: “se vocês quiserem cortar os pés de pau...”, por que a gente vendia os pau (sic), pra fazer fogueira, pra tirar madeira.⁷

Logo, nem só com alegria foi dado esse encontro do trem na cidade de Pombal. Para a nossa narradora ele representou usurpação de bens privados, dignos de serem lembrados com sentimentos de revolta, principalmente por se tratar de uma ordem

⁵ Entrevista concedida ao autor no dia 09 de outubro de 2006.

⁶ A propósito ver ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas políticos-econômicas e práticas culturais (1880-1925)**. Doutorado em História. Campinas, UNICAMP, 2001.

⁷ Idem.

imposta, e não de uma negociação entre as partes (dono das terras – empreendedores da máquina).

Mesmo assim, parecia a chegada do trem ser uma celebração comungada enquanto sentimento de todos os pombalenses, não fosse a noite ter caído e a comemoração ter se tornado em evento particularizado. Reunião organizada no já instalado Grupo Escolar João da Mata, apenas os filhos “ilustres” de Pombal puderam participar da festa. Sobre esse acontecimento a narradora Benta Carneiro silenciou e nada pode nos dizer.

Contudo, segundo as senhoras Odete Roque da Silva e Maria de Lourdes de Sousa Nóbrega, enquanto expectadoras daquela festa, apenas a elite pombalense compareceu ao evento. Com ares de requinte foi iniciado um baile novamente com a banda de música que recebera a máquina na Estação.

É esta última senhora citada uma observação muito interessante a propósito da permanência do trem na cidade. Enquanto expectadora da festa particular à elite pombalense, em comemoração da chegada do trem, a senhora Maria de Lourdes comenta a chegada também de algumas novidades ao espaço pombalense, e que anteriormente era pouco freqüente: os forasteiros.⁸

Para a senhora Maria de Lourdes o entra e sai de pessoas desconhecidas parecia ser uma maravilha para a cidade, antes fadada “*às mesmas caras que agente já conhecia*”. Para exemplificar o seu ponto de vistas, lembrando como o trem parece ter concorrido para abrir a cidade às novidades, comenta do casamento de certa amiga sua com um representante da corporação de trem, tendo eles flertado na dita festa de chegada da máquina. Havia ele encontrado, “*além do trabalho na cidade, o amor de sua esposa*”.⁹

O trem ia e vinha, e mesmo marcada a sua programação de passagem pela cidade, o que parece ter permanecido foi uma outra representação por ele trazida: diversão, expansão urbana e até mesmo possibilidade de novos ganhos financeiros. Mas não que ele também não fosse encarado como progresso, dinamismo de informações e rapidez de deslocamento entre espaços, pois alguns narradores também citaram aqueles benefícios trazidos pelo trem já percebidos por ARANHA (2001).

Não apenas trazendo uma variedade de pessoas desconhecidas, a presença do trem também evocou para alguns de nossos narradores, enquanto mais um espaço lúdico

⁸ Entrevista concedida ao autor no dia 09 de outubro de 2006.

⁹ Ibid.

para a população em Pombal, ou seja, mais uma novidade de lazer. “*Lá era um ponto de encontro nas quartas-feiras e nos domingos, por que tinha o trem de passageiros. Agente ia primeiro para a missa, todo arrumadinho e ia assistir a passagem do trem*”, se recorda o senhor Arlindo Ugulino, numa afirmação que parece responsabilizar o trem pela introdução de um novo espaço e prática de lazer na cidade.¹⁰

Assim, o trem segundo as falas dos nossos narradores, nos aparece correntemente enquanto conquista que cinde o ritmo cotidiano da cidade, pela sua opção de lazer na cidade. “*No domingo era a hora do trem passar. Vindo de Fortaleza, tava a mocidade todinha esperando a passagem do trem. Era um divertimento*”, afirmaria o senhor Francisco Lopes de Sousa¹¹ em aproximação também às palavras da narradora Maria de Lourdes de Sousa Nóbrega:

Nós íamos nos domingos, dias de semana. Nós éramos jovens, mocinhas, e fazíamos à festa por lá também. Ai melhorou muito. Nos domingos nós já tínhamos uma idéia: “*O que a gente leva? Como é que a gente vai? Qual a turma que a gente leva?*” A gente já tinha um programazinho, não é?¹²

Tal possibilidade de lazer foi instalado na cidade, tornando a Estação Ferroviária enquanto *point* de diversão ao esperar a passagem do trem, onde acrescenta a senhora Maria Adélia Felinto que, dada à novidade, “*tinha gente até que fazia roupa pra ir pra isso, pra passagem do trem. Lá era o ponto de divertimento da cidade*”.¹³

Contudo, para os moradores próximos a Estação Ferroviária, a passagem do trem também representou um momento de crescimento de expansão urbana dada aos arredores desse novo espaço, preenchendo com casas lugares antes desabitados, como bem recordou as senhoras Maria Amélia de Sousa e Benta Carneiro.

Lembra a primeira narradora que “*só depois da Estação foi que apareceu casas por aqui. Antes só tinha a casa do chefe a Estação e aos poucos foi aparecendo*”. Lembrança endossada pela segunda narradora que afirma que “*aqui não tinha nada. Era só mato, pé de trapiá e de Juazeiro. Depois do trem foi crescendo isso aqui, construindo casa*”.¹⁴

A expansão urbana trazidas pelo trem, segundo nossas narradoras, contribuiu para a urbanização do atual bairro dos Pereiros, nome esse devido a grande quantidade

¹⁰ Entrevista concedida ao autor no dia 08 de outubro de 2006.

¹¹ Entrevista concedida ao autor no dia 14 de outubro de 2006.

¹² Entrevista concedida ao autor no dia 09 de outubro de 2006.

¹³ Entrevista concedida ao autor no dia 29 de janeiro de 2007. A prática de lazer trazida pela passagem do trem também foi lembrada pela narradora Maria de Lourdes Nery e pelo senhor Antônio Santana.

¹⁴ Ambas as entrevistas foram concedidas ao autor no dia 09 de outubro de 2006.

dessa planta naquele lugar. Para termos uma idéia dessa expansão, próxima a casa das depoentes, apenas se situava naquele lugar o cemitério local, considerado já “*afastado da cidade*”.

Porém, com o estabelecimento da Estação Ferroviária naquele lugar, também foi instalada a fábrica de beneficiamento de frutas Brasil Oiticica e a beneficiadora de algodão SANBRA, o que faz crescer essa área urbana povoada por pessoas humildes e trabalhadoras dessas firmas.

Outra mudança trazida pelo trem diz respeito à possibilidade de ganhos decorrentes da sua passagem pela cidade. Comenta a senhora Maria Amélia de Sousa que no largo da Estação do trem, foram criados “quiosques” e montadas outras barracas para a venda de merendas, tais como bolo, tapioca, pão-de-ló, café etc.

Esse novo comércio de merenda tinha dois públicos alvos: tanto os passageiros dos trens, como os pombalenses que ali estavam para se divertir. Atividade em que participou trabalhando a senhora Benta Carneiro, quando nos conta que:

Eu vendia café (risos). Mamãe botava o bule, o café e três xícaras, e eu ia vender a um tostão a xícara. Achei foi bom! O trem vinha pouco, aí foi aumentando, aumentando. O povo foi montando barraca, aí melhorou. Aí quando menos, tava o trem mesmo bom. Um tostão era muito dinheiro. Aí mamãe botou uma banca depois. Aí botava pão, café, o que botasse vendia. Por que o povo vinha de longe pra pegar o trem aqui.¹⁵

Percebida a falta desse tipo de serviço naquele lugar, segundo a fala acima da senhora Benta Carneiro, o trem traria outras possibilidades de ganho financeiro para a família e incentivava os seus lucros. Mesmo chegando a “concorrência” de outras bancas, ela se entusiasma com tais vendas feitas por si e que acabava complementando a curta renda da família.¹⁶

Em termos de ganhos financeiros, também recordaram os senhores Francisco Lopes de Sousa e José Arruda dos Santos que boa parte do comércio da cidade passou a ser feito pelo trem, muito embora também existisse a estrada de rodagem e seus caminhões cargueiros. Contudo, “*para ir resolver problemas nos grandes centros, como ir ao médico ou procurar um banco, era melhor ir de trem*”, afirmou o senhor José Arruda.¹⁷

¹⁵ Idem.

¹⁶ Ainda lembrou a narradora que essa era uma forma a mais de trazer dinheiro para casa, pois tanto seu pai como sua mãe não tinha emprego fixo, vivendo apenas da venda de madeira e animais.

¹⁷ Entrevista concedida ao autor no dia 09 de outubro de 2006.

Na condição de comerciante local, relembra o senhor Francisco de Lopes que, embora suas mercadorias viessem em caminhões pela estrada, dada a grande quantidade de mercadorias que trazia, ele se deslocava de trem para os grandes centros, como Campina Grande. Sua preferência pela viagem em tal máquina é clara: *“por que era mais rápido e mais confortável, por que, como não tinha ainda asfalto, era estrada de terra, e a gente chegada todo sujo de poeira e quebrado (risos)”*.¹⁸

Enquanto transporte de cargas, o destino comum parecia ser a capital cearense, muito embora a maior parte do comércio fosse realizada com Campina Grande. E a justificativa para isso parecia ser uma só, como comenta ainda o senhor Francisco Lopes: ao contrário da linha para Fortaleza, o trem que saía de Pombal não chegava em Campina Grande, pois o trecho de obras só fora estendido até Patos. Portanto, saía muito dispendioso contratar trabalhadores para carregar e descarregar as mercadorias de caminhões para o trem (até Patos), e recarregar deste ponto até Pombal (para novamente descarregá-lo).

Tomando novamente os espaços de lazer pombalenses, para alguns moradores a Estação Ferroviária só perdeu a sua popularidade de visitação e diversão quando criada um outro espaço de lazer na cidade: as praças centrais Rio Branco (atualmente conhecida por praça Dr. José Ferreira Queiroga ou Praça do Centenário) e Getúlio Vargas, ambas concluídas durante a gestão do prefeito Sá Cavalcanti, no ano de 1940. Acrescentou-se a essas praças a construção de um coreto (na primeira praça citada) e um monumento (chamado Coluna da Hora, na segunda praça citada).

Aliás, foram tais obras que ficaram na memória de alguns dos nossos narradores como as principais obras daquele prefeito, e que ornaram sua gestão política como *“boa”*, *“aquele que botou novidade na cidade”*, construções feitas no momento de *“crescimento da cidade”*.¹⁹ Outros, no entanto, demonstraram certa indiferença com relação a tais obras.

Para aqueles que celebraram tais transformações, as praças marcaram uma nova vida dada à cidade, espaço consumido por todos os habitantes, como se recorda a narradora Maria de Lourdes de Sousa Nóbrega:

[A população] passou a usar completamente. Todas as festas que haviam, que eram com banda de música, era no coreto, a festa era toda em torno das

¹⁸ Entrevista concedida ao autor no dia 17 de janeiro de 2007.

¹⁹ Ambas as citações são das senhoras Maria Adélia Felinto, Benta Carneiro e Maria de Lourdes de Sousa Nóbrega, respectivamente.

praças, em torno da banda. Pra gente que era muito fechada, as praças deram muita vida aqui. Vamos dizer, total, por que não tinha nada.²⁰

A tentativa de dizer que na cidade “não tinha nada” parece um indicativo de como as praças foram importantes para o cotidiano daquela senhora na sua juventude, pondo mesmo concorrência ao habitual passeio na Estação, por ela anteriormente comentado com tanta empolgação.

Porém, corroborando com a fala da narradora acima, comenta a senhora Maria Adélia Felinto da novidade instalada agora com o advento das praças: as retretas e passeios ocasionais. Tais práticas em torno das praças vão se inserindo no cotidiano da cidade através de seus usos mais comuns como “*bater papo, namorar, passear de um lado para o outro*”.²¹

As retretas e os passeios também foram lembrados pela senhora Maria Amélia de Sousa com muito saudosismo. Mesmo morando afastada do centro comercial da cidade, onde as praças estavam localizadas, esta senhora se recorda da sua caminhada até as praças afim de “namorar e passear”, porém com hora marcada para voltar (até às oito horas), pois sua casa era distante e não tinha energia elétrica na rua.

Mas nos alerta: tanto os namoros quanto os passeios eram praticados de uma forma muito decente, uma vez que “*as praças eram um ambiente de respeito*”, onde todos agiam com decência. O código de respeito mantido nas praças marcaria a grande diferença entre aqueles usos desse espaço no passado e aqueles realizados hoje em dia, completa a nossa narradora.

Mesmo afirmando os muitos passeios feitos na cidade a partir da construção desses espaços, comenta a senhora Célia de Medeiros Hugulino, que ambas as praças não eram freqüentadas de igual modo. Mesmo se tratando de uma construção moderna, a praça Rio Branco, mesmo possuindo um trabalho de jardinagem muito belo, não possuía calçada de passeio, tornando-se imprópria para circulação.

Assim, comenta a narradora que apenas a praça Getúlio Vargas se tornava freqüentada pelos usuários locais:

Havia muitos passeios. Toda a noite. Nessa de cá [apontando para a antiga praça Rio Branco] não! Por que ela era toda de barro. Só tinha o Bar Centenário [coreto], mais o resto era tudo marcado assim, mais ou menos com umas pedras. Era [o passeio] só naquela outra praça, a Getúlio Vargas.²²

²⁰ Entrevista concedida ao autor no dia 09 de janeiro de 2006.

²¹ Entrevista concedida ao autor no dia 29 de janeiro de 2007.

²² Entrevista concedida ao autor no dia 12 de outubro de 2006.

Mesmo construídas no mesmo período e representarem conquistas modernas para uma cidade, até então sem quaisquer outros espaços como aqueles, construídos especialmente para fins de lazer e embelezamento urbano, ainda havia certa preferência, para nossa narradora, na realização do passeio. A declaração também vem marcar uma observação muito importante: a frequência e os (não) usos diferentes das praças centrais.

Se travado um diálogo entre nossos narradores, as opiniões seriam divergentes quanto à assiduidade das praças centrais pombalenses. Por exemplo, discordaria o senhor Francisco Lopes de Sousa da senhora Célia de Medeiros Ugolino, pela razão dos usos das referidas praças. Para ele a recordação que se tem é de que nenhuma delas eram muito frequentadas na cidade, durante a década de 1940.

Ou mesmo a narradora Benta Carneiro que, mesmo celebrando a construção das praças como um dinamismo do prefeito Sá Cavalcanti, comenta que não era frequentadora das mesmas, pois seu pai não a deixava sair de casa. Mais uma vez é possível notar que as conquistas materiais, assim como a energia elétrica, por mais sedutoras que poderiam parecer, esbarram em antigos cuidados com a educação, especialmente das crianças e jovens pombalenses daqueles idos, tornando as praças para alguns, um lugar não praticado ou vivido.

Assim como a senhora Benta Carneiro, as práticas de passear, paquerar, namorar ou reunir os moradores locais, também se apresentaram com certa indiferença de outros narradores. É possível perceber que pelo menos metade dos entrevistados omitiram qualquer ponto de vista sobre as referidas praças, e que parece evocar à uma situação muito comum à temporalidade interrogada: a rígida educação pelos pais.

Como já lembrado pela senhora Maria Amélia, as praças, como qualquer outro ambiente público pombalense, eram espaços de respeito, numa delimitação muito clara do que era lícito e ilícito. Tais delimitações parecem mesmo ter partido de casa, pois a educação doméstica pareceu-nos pelas falas, ser bastante rígida.

A propósito comentou a senhora Bernardina Santana que seu pai não gostava que a mesmo saísse de casa, pois *“achava muito perigoso moça ta solta na rua... na praça mesmo eu ia escondida, depois de sair para a casa de uma amiga, botar a maquiagem pra dá a volta na praça... depois eu tirava tudinho, para ninguém saber (risos)”*.²³

²³ Entrevista concedida ao autor no dia 31 de janeiro de 2007.

É claro, nessa citação, que as novidades vividas pela cidade, como as praças e seus passeios, esbarravam também em velhos hábitos, como o controle paterno, sobretudo em se tratando das filhas. Podia se tratar as praças, não apenas espaços de lazer, mais possibilidades de burlas com intenções não aprovadas pelos pais, tais como flertar ou mesmo se “exibir” maquiada.

Não menos decantado como maravilha moderna, e espaço vigiado, a uma outra conquista material na cidade, o surgimento do cinema na cidade, o Cine Lux, no ano de 1953, foi evocado com muito entusiasmo por nossos narradores. Tal cinema passou a se constituir como principal atrativo de lazer na cidade para todos os moradores locais, sem diferença de classes, raças, sexo e idade.²⁴

Como exemplo, temos na fala do senhor Arlindo Ugulino de que o cinema representou “*uma novidade*”, assim como as praças, trazendo para a cidade outras possibilidades de diversão. Dizemos possibilidades de diversão, pois além da exibição do filme, no cinema ocorriam os populares “show de calouros”.²⁵

E foi explorando essas possibilidades de diversão trazidas pelo cinema que também pudemos conhecer alguns talentos locais, e que até então permaneciam no anonimato. Nos referimos aqui a senhora Maria Amélia de Sousa que se descobriu cantora naquele instante, como bem nos disse durante nossa entrevista:

Eu mesma fui [cantar] diversas vezes. E ganhei muito presente. Ganhei cantando Ângela Maria (risos). E eu imitava ela. Essa cantoria era no cinema. E era os calouros só no domingo. O povo ficava antigamente ali na rua do comércio debaixo de um pé de fixo (sic), repare só como era antigo. Eram umas plantas diferentes. E ficava pra ouvir a minha voz. E eu subia, por que não tinha cerimônia, e subia pra cantar lá em cima. Um mico eu pagava cantando para o povo (risos). Mas não era só pra mim não era pra muitos cantantes. Só pro povo da cidade. Durante a semana passava filme normal, mas no domingo de manhã era os calouros, umas nove horas. Era uma diversão ótima! Era uma das melhores diversões pra pobre.²⁶

Percebemos pela transcrição acima que além de descobrir suas habilidades enquanto interprete de uma cantora conhecida, a nossa narradora não esquece em afirmar e firmar o cinema enquanto espaço de todos, sem discriminações. Assim, o

²⁴ Certificamos apenas que a senhora Benta Carneiro afirma nunca ter assistido a um filme no referido cinema, pois já estava casada, e por isso, seus compromissos e obrigações de mãe e esposa impediram tal frequência naquele espaço.

²⁵ A novidade percebida pelo senhor Arlindo Ugulino foi razão de apontamento de LE GOFF, quando nos afirma que a modernidade é sedenta sempre pelo *novo*, posto que está ansiosa da *moda* que lhe confere significado e justificativa. A propósito ver LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. Em especial o capítulo Antigo/Moderno.

²⁶ Entrevista concedida ao autor no dia 09 de outubro de 2006.

cinema personificaria suas lembranças de reconhecimento artístico e exibição pública, bem como espaço para uma das melhores diversões locais.

Igual uso artístico fez à senhora Célia de Medeiros Ugulino ao afirmar que, em ser aluna interna da escola “Arruda Câmara”, uma escola feminina administrada pela Diocese, correntemente o cinema era pedido pelas freiras para servir de espaço para apresentações. A mesma narradora havia encenado, juntamente com outras alunas, alguns “teatros” na condição de atriz, no palco do Cine Lux.

Para o senhor José Arruda dos Santos, o uso indiscriminado do cinema por pessoas e as diversas opções de entretenimento que ele oferecia, contava com uma rigorosa organização do seu proprietário, o senhor Afonso Mouta.²⁷ Tal organização constava de uma “*rigorosa vigilância e punição das pessoas mais enxeridas*”, e que não se comportavam conforme o exigido pelo proprietário.²⁸

Nada de abraços, beijos ou verbalizações acintosas, lembra a senhora Ana Pereira Damascena, endossando que o espaço do cinema era zelado com muito respeito dentro dos princípios da boa conduta, ou seja, lugar que pairava a moralização dos costumes.

Assim como o cinema, espaço por excelência moderno, outro empreendimento foi instalado pelo senhor Afonso Mouta em Pombal: a sorveteria Tabajara e também ela acabou por se constituir numa novidade da cidade, uma vez que também encabeçou o rol de pontos de diversão da cidade. Como bem lembra a senhora Maria de Lourdes, era comum que as pessoas fizessem passeios não apenas indo à sorveteria, mas também no seu entorno, dando voltas nele:

Era uma espécie de retreta o que a gente fazia... como era feito na praça, também a gente fazia lá na sorveteria, que era ali onde é o mercado público hoje. Ficavam os rapazes e as moças rodando, rodando, pra lá e pra cá, passeando e flertando, que é como se chamava paquera na época.²⁹

Embora um pouco mais afastado das praças, a novidade da sorveteria também foi incorporado às práticas de lazer dos pombalenses, ao menos os jovens, que viram na novidade mais uma saída para a diversão naquele pequeno espaço, pois como

²⁷ Registramos que além de ser proprietário do único cinema de Pombal, Afonso Mouta também possuía uma sorveteria na cidade e que também passou a ser freqüentada por alguns moradores, pois além do sorvete oferecido, iguaria numa época em que geladeira era artigo de luxo, haviam os passeios em torno da difusora do estabelecimento.

²⁸ Entrevista concedida ao autor no dia 08 de outubro de 2006.

²⁹ Entrevista concedida ao autor no dia 09 de outubro de 2006.

lembra o senhor José Arruda, “*a sorveteria era um novidade muito boa para os jovens, por que se tinha muita pouca coisa para fazer na cidade, né?*”.³⁰

Mas nem todos bem entendiam ao certo aquele espaço e consumir tal novidade não era menos uma estranheza, pois como lembra o mesmo senhor José Arruda, até realizar a tarefa de degustar um sorvete, era uma um espanto, pois o mesmo não sabia como se fazia: “*ai eu ficava olhando o povo chupar sorvete, pra ver como é que fazia, né? Nunca tinha visto, e matuto que só, então reparei e vi como é que o povo chupava, só depois é que fui experimentar, pra o povo não magar, né? (risos)*”.

Além do espaço de consumo, o senhor Afonso Mouta também instalou nas mediações da sorveteria Tabajara uma difusora (ou amplificador, para alguns de nossos entrevistados) onde se selecionava e tocava músicas da época, consideradas modernas. Como lembra a senhora Maria Adélia Felinto, a qualidade e novidades das músicas se devia ao fato do dono do empreendimento ser “*muito atualizado*”, evocando para o proprietário ares de “*progressita empreendedor*”.³¹

“*Nem sorvete e nem sorveteria, nada!*”, lembrou a senhora Benta Carneiro, a quem o pai proibia tais passeios naquele novo espaço, bem como em outros lugares públicos da cidade. Assim, não podemos generalizar que a novidade foi amplamente consumida por nossos narradores, muito embora o sentimento de desejo fosse evocado, seja pelo produto, seja pelo espaço de lazer: “*Ah, mais eu tinha vontade demais de provar aquilo! E de passear? Nem te digo! (risos)... mas papai não deixava, e eu era muito presa!*”.³²

Contudo, a conquista do trem, a construção das praças, o aparecimento do cinema e mesmo o espaço da sorveteria na cidade de Pombal apresentam muitas diferenças, cujas significações são variáveis quanto ao seu uso: espaços de trabalho, lugares praticados para fins lúdicos, ambiente de reconhecimento pessoal, promoção de liberdades cotidianas, possibilidades de novos consumos do espaço em transformação.

Lugares que foram vivenciados em situações ora comuns ora divergentes, marcadas pela forma diferente de habitar, consumir ou espacializar a cidade. Caminhadas possíveis dentro de certas liberdades limitadas, mas que também acabaram

³⁰ Entrevista concedida ao autor no dia 08 de outubro de 2006. Também lembrou esse narrador que, antes da Sorveteria Tabajara, a cidade só contava com as bebeduras de Otacílio, mais conhecido como “Otacílio da gelada”, por vender em potes de barro um suco de abacaxi, onde o proprietário mexia com o braço tal bebida.

³¹ Alguns de nossos narradores também evocaram pela lembrança o fato de que, além de sorvetes, esse espaço também prestava o serviço de bar com realização de bingos nos fins de semana.

³² Entrevista concedida ao autor no dia 09 de outubro de 2006.

por se tornar em limitações libertárias, posto que foram rompidas, conquistadas, vividas. Trabalhar na Estação, tomando-o enquanto espaço de renda financeira, se produzir esteticamente para o passeio, circular nesses ambientes de praças e cinemas, saber se portar mediante esses novos lugares, eis algumas das transformações simbólicas agenciadas por nossos narradores.

Assim, pudemos perceber nestes lugares as suas muitas caminhadas, marcadas através das falas que espacializaram e significaram diferentemente cada conquista material pombalense. Caminhadas que acabaram compondo um trânsito que, partindo de experiências pessoais, composto de muitos passos e que acabaram criando diferentes entradas e saídas de sentidos para as mesmas transformações materiais.